

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Professor: Abdon Guerra

Será que a leitura dos jornais nos torna estúpidos?

Rubem Alves

O nome não me era estranho. Eu já o vira de relance em algum jornal ou revista. Mas não me interessei. Aquele nome, para mim, não passava de um bolso vazio. Eu não tinha a menor idéia do que havia dentro dele. Sou seletivo em minhas leituras. Leio gastronomicamente. Diante de jornais e revistas eu me comporto da mesma forma como me comporto diante de uma mesa de bufê: provo, rejeito muito, escolho poucas coisas. Concordo com Zaratustra: “Mastigar e digerir tudo - essa é uma maneira suína.”

Aquele bolso devia estar cheio de coisas dignas de serem comidas – caso contrário não teria sido oferecido como banquete nas páginas amarelas da VEJA. Mas eu não comi. Aí um amigo me enviou via e-mail cópia de uma crônica do Arnaldo Jabor, a propósito do dito nome – crônica que eu li e gostei: sou amante de pimentas e jilós.

Senti-me parecido com o Mr. Gardner, do filme “Muito além do jardim“, com Peter Sellers. Mr. Gardner jamais lia jornais e revistas. Aproximei-me então da minha assessora e lhe perguntei, envergonhado, temeroso de que ela tivesse visto o dito filme, e me identificasse com o Mr. Gardner. “Natália, quem é Adriane Galisteu?” Esse era o nome do bolso vazio. Ela deu uma risadinha e me explicou. À medida em que ela explicava, as coisas que eu havia lido começaram a fazer sentido, e eu me lembrei de uma estória que minha mãe me contava: uma princesinha linda que, quando falava, de sua boca saltavam rãs, sapos, minhocas, cobras e lagartos... Terminada a explicação, fiquei feliz por não ter lido. Lembrei-me de uma advertência de Schopenhauer: “No que se refere a nossas leituras, a arte de não ler é sumamente importante. Essa arte consiste em nem sequer folhear o que ocupa o grande público. Para ler o bom uma condição é não ler o ruim: porque a vida é curta e o tempo e a energia escassos... Muitos eruditos leram até ficar estúpidos.” Existirá possibilidade de que a leitura dos jornais nos torne estúpidos?

O que está em jogo não é a dita senhora, que pode pensar o que lhe for possível pensar. O que está em jogo é o papel da imprensa. Qual a filosofia que a move ao selecionar comida como essa para ser servida ao povo?

A resposta é a tradicional: “A missão da imprensa é informar“. Pensa-se que, ao informar, a imprensa educa. Falso. Há milhares de coisas acontecendo e seria impossível informar tudo. É preciso escolher. As escolhas que a imprensa faz revelam o que ela pensa do gosto gastronômico dos seus leitores.

Jornais são refeições, bufês de notícias selecionadas segundo um gosto preciso. Se o filósofo alemão Ludwig Feuerbach estava certo ao afirmar que “somos o que

comemos“, será forçoso concluir que, ao servir refeições de notícias ao povo os jornais estão realizando uma magia perversa sobre os seus leitores: depois de comer eles serão iguais àquilo que leram.

Faz tempo que parei de ler jornais. Leio, sim, movido pelo espírito da leitura dinâmica, apressadamente, deslizando meus olhos pelas manchetes para saber não o que está acontecendo, mas para ficar a par do menu de conversas estabelecido pelos jornais. Muita coisa importante e deliciosa acontece sem virar notícia, por não combinar com o gosto gastronômico dos leitores. Se não fizer isto ficarei excluído das rodas de conversa, por falta de informações. Parei de ler os jornais, não por não gostar de ler mas precisamente porque gosto de ler. As notícias dos jornais são incompatíveis com meus hábitos gastronômicos: leio bovinamente, vagorosamente, como quem pasta... ruminando. O prazer da leitura, para mim, está não naquilo que leio mas naquilo que faço com aquilo que leio. Ler, só ler, é parar de pensar. É pensar os pensamentos de outros. E quem fica o tempo todo pensando o pensamento de outros acaba por desaprender a arte de pensar seus próprios pensamentos: outra lição de Schopenhauer. Pensar não é ter as informações. Pensar é o que se faz com as informações. É dançar com o pensamento, apoiando os pés no texto lido: é isso que me dá prazer. Suspeito que a leitura meticulosa e detalhada das informações tenha, freqüentemente, a função de tornar desnecessário o pensamento. Pensar os próprios pensamentos pode ser dolorido. Quem não sabe dançar corre sempre o perigo de escorregar e cair... Assim, ao se entupir de notícias – como o comilão grosseiro que se entope de comida – o leitor se livra do trabalho de pensar.

Confesso que não sei o que fazer com a maioria das notícias dos jornais: entendo as palavras mas não entendo a notícia. Penso: se eu não entendo a notícia que leio, o que acontecerá com o “povão“? Outras notícias só fazem explicitar o que já se sabe. Detalhes, cada vez mais minuciosos, das tramóias políticas e econômicas de um Maluf, de um Jader, nada acrescentam ao já sabido. Esse gosto pela minúcia escabrosa se deriva da pornografia, que encontra seus prazeres na contemplação dos detalhes sórdidos, que são sempre os mesmos, como o comprovam as salas de “imagens eróticas“ da Internet. A dita reportagem sobre a tal senhora e as notícias sobre Jader e Maluf atendem às mesmas preferências gastronômicas. Será que as notícias são selecionadas para dar prazer aos gostos suínos da alma? Por outro lado, há os suplementos culturais que, para serem entendidos, é preciso ter doutoramento. Para o povão, o futebol...

Ao final de sua crônica o Arnaldo Jabor dá um grito: “Os órgãos de imprensa devem ter um papel transformador na sociedade...” Dizendo do meu jeito: os órgãos de imprensa têm de contribuir para a educação do povo. Mas educar não é informar. Educar é ensinar a pensar. Os jornais ensinam a pensar? Repito a pergunta: Será que a leitura dos jornais nos torna estúpidos?

(Folha de S. Paulo, Tendências e Debates, 02/09/2001.)

Reflexão sobre o senso crítico

Juliano Schiavo

Abrir as páginas de um jornal, livro ou simplesmente assistir tv não significa, propriamente, despertar o senso crítico. Os meios que existem para se consultar informações e se municiar de dados, muitas vezes, compactuam com o senso comum e colaboram para que, o ato de questionar, fique relegado a segundo plano. E é aí que o senso comum nasce.

Nesse jogo de gato e rato, há sempre os interessados em estimular a aceitação de um fato – seja por motivos religiosos, partidários, econômicos ou afins. O poder que emana das grandes corporações, agrupamentos políticos, religiosos e todo tipo de força constituído pode, de forma geral, compactuar para que a reflexão sobre um fato seja banida. Questionar é uma ferramenta que enche o saco de quem não quer que o outro saiba a resposta. Por isso, o senso crítico joga luz sobre as pedras do caminho.

E como estimular esse senso crítico? Como entender o mundo por meio de questionamentos? A tarefa não é fácil, principalmente quando há quem esteja interessado em manter tudo do jeito que está. A fome de uns é fortuna de outros. A falta de educação é sinônimo de poder para quem tem coragem de utilizá-la como massa de manobra – e isso não é difícil de ser visto atualmente.

Falta, infelizmente, senso crítico na própria formação escolar. Só se aprende regras e fórmulas decoradas, que são um dia jogadas no ralo do esquecimento. Para que guardar algo que não possui serventia? O cérebro apenas as utiliza pelo período necessário, depois disso, adeus...

As escolas deveriam ensinar a questionar, a entender o que é ser cidadão e também a pesquisar informações por esse mundo afora, seja na forma de troca de conversas, ou até mesmo pela leitura de um bom livro. Não ter vergonha de perguntar – mesmo que a pergunta seja a mais estúpida possível do ponto de vista pessoal – deveria ser algo trabalhado diariamente. Mas falta um senso crítico sobre o próprio senso crítico – as velhas fórmulas são mais cômodas e não mexem na zona de conforto que as pessoas geralmente se colocam. O questionar, por si só, mexe em várias feridas. E isso não é bom, quando essas feridas pertencem a quem não quer ser incomodado.

Se a tela da tv encanta, se o mundo virtual se abre num emaranhado de hiperlinks que permitem a interatividade, se o rádio traz as notícias pela manhã, o que cabe a cada pessoa dentro da sociedade? Ingerir essas informações? Não. É necessário ver que, por detrás de cada linha escrita, cada palavra proferida, cada foto exibida, há um olhar humano. Esse olhar, que é passado diariamente, deve ser questionado e rebatido por cada um. A tarefa deve ser constante, pois o espírito crítico só existe quando as questões povoam a mente. Resignar-se diante dos fatos é morrer aos poucos. E morrer aos poucos é não questionar a vida.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Analise os textos acima e em seguida escreva um texto dissertativo- argumentativo sobre o seguinte tema:

A imprensa e o seu papel transformador na sociedade.